

**O CORPO SEM ÓRGÃOS:
ARTISTAS PLÁSTICOS QUE REPRESENTAM O CORPO**

Silvia Ferreira Lima
silviaferlima@gmail.com

Resumo: A partir do conceito deleuziano do corpo sem órgãos, buscamos referências a respeito da representação do corpo desde a antiguidade até o trabalho plástico de artistas contemporâneos como Frida Kahlo, Hans Sieverding e Alex Cerveny

Palavras-chave: corpo sem órgãos; arte contemporânea; pintura e gravura.

Corpo sem órgãos! De onde vem isto?

“Corpos esvaziados em lugar de plenos... Será tão triste e perigoso não mais suportar os olhos para ver, os pulmões para respirar, a boca para engolir, a língua para falar, o cérebro para pensar, o ânus e a laringe, a cabeça e as pernas?... Substituir a anamnese pelo esquecimento, a interpretação pela experimentação. Encontrar seu corpo sem órgãos, saiba fazê-lo, é uma questão de vida ou de morte, de juventude e de velhice, de tristeza e de alegria. É aí que tudo se decide”.¹

1 DELEUZE, Giles. Mil *Platôs* vol.3 São Paulo, Editora 34, 1ª ed., 1996 (4ª reimpressão, 2008). p.11

Deleuze usa a metáfora do corpo para se referir ao materialismo histórico, ou à teoria de Karl Marx, quando trata cada trabalhador como uma parte, um órgão deste corpo, que seria a nossa sociedade e o mundo em que vivemos. O homem explora o trabalho, o corpo, de outro homem.

Provavelmente, Marx referia-se a Andreas Vesalius, com seu *Atlas de Anatomia*, que considerava_ três séculos antes de Karl_ o corpo como fábrica. A mesma fábrica existe no século XIX, devido ao funcionamento de seus órgãos, os trabalhadores.

Porém, Deleuze, em fins de século XX e início de século XXI, retoma a fábrica de Karl Marx para dizer que o trabalho já não se faz com a presença de homens, uma vez que o serviço das máquinas substituiu o trabalho manual e dividiu o mundo em atual e virtual.

Logo, este corpo, fábrica, funciona sem seus órgãos. Está vazio.

Certamente, o desemprego em massa é uma consequência trágica da substituição do trabalho humano pelas máquinas. Porém, Deleuze nos diz que o pior está na falta de sensibilidade do ser humano, que possui olhos e não vê. Possui cérebro e não pensa. O homem, para ele, precisa encontrar seu corpo, pois esta é uma questão de vida ou morte.

Deleuze faz uma grande metáfora filosófica. Procurando explicar o que é difícil entender para o homem comum. Embora seja necessário. Seja vital. Por isso, ele enxerga o trabalho da Arte, grande propiciadora do devir. Cujas potências estão na possibilidade de se criarem novas perspectivas. De territorializar e desterritorializar, quando se trata do espaço e da localização do corpo neste espaço.

Espaço e corpo são elementos essenciais na Física como na Arte. Na Filosofia como na Poesia. “É aí que tudo se decide”.

Para Deleuze:

“O corpo é tão-somente um conjunto de válvulas, represas, comportas, taças ou vasos comunicantes: um nome próprio para cada um, povoamento do Corpus e Socius, Metrópolis, que é preciso manejar com o chicote. O que povoa, o que passa e o que bloqueia?... O Corpus e Socius faz passar intensidades, ele as produz e as distribui num spatium ele mesmo intensivo, não extenso. Ele não é espaço e nem está no espaço, é matéria que ocupará o espaço em tal ou qual grau) grau que corresponde às intensidades produzidas. Ele não é espaço e nem está no espaço... não existem intensidades negativas nem contrárias. Matéria é igual à energia”.²

² Id. Ibid. p.13

Aí, o corpo é um nome, próprio para cada povoamento da sociedade. Suas grandes cidades são regidas por leis estritas, rígidas. Os corpos estão no espaço e são meios por onde passam as intensidades: vontades, desejos, paixões de cada ser humano.

“... os órgãos somente aparecem e funcionam aqui como intensidades puras. O órgão muda transpondo um limiar, mudando de gradiente. Os órgãos perdem toda constância, quer se trate de sua localização ou de sua função (...) órgãos sexuais aparecem por todo lado (...) ânus emergem, abrem-se para defecar, depois se fecham (...) o organismo inteiro muda de textura e de cor, variações alotrópicas reguladas num décimo de segundo”.³

³ Id. Ibid. p.14

Então, conforme o desejo, os corpos mudam, mudam seus órgãos. Órgãos que são passagens de forças, de energia, dentro dos corpos, assim como pelos corpos passam a energia do espaço, spacium. Estas energias podem ser os afetos, ou afectos, segundo Deleuze.

Assim, enquanto trata da sociedade, o filósofo também trata do indivíduo. Daí sua obra *Anti-Édipo* ser uma referência à Freud _ com quem ele também dialoga, uma vez que o anti-édipo, para Deleuze, representa aquele que quebra, ou desrespeita, o Nome do Pai, a lei, a regra. A mesma lei e regra que mantêm a sociedade, mas tornam-se injustas ou inadequadas devido às mudanças ocorridas neste Corpus Socius. A sociedade vive em constantes tensões, ora um lado, ora outro lado toma conta da situação, tomando o tensionamento para si.

Logo, mudanças sociais são constantes, assim como são constantes as mudanças individuais. Os indivíduos agora têm opções sexuais e sociais. Eles não são sujeitos à lei, como reza o mito grego de Édipo. O qual, por culpa de ter matado um pai que desconhecia, resolve punir-se com a cegueira voluntária e o degrado.

O indivíduo atualmente não carrega tal culpa, mesmo quando mata o pai que conhece, uma vez que nestes momentos de tensão, a energia pode estar concentrada em si, na realização do seu desejo.

Assim, dentro como fora... o que ocorre para o indivíduo ocorre para o grupo em que vive, o Corpus Socius.

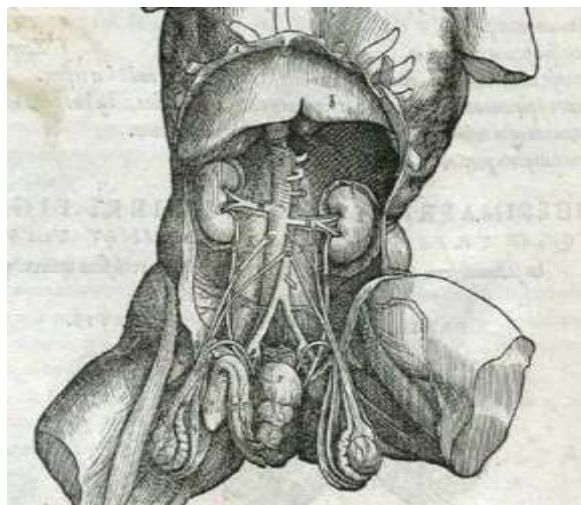
Para Deleuze, a metáfora do corpo sem órgãos, supõe uma sociedade vazia de significados. Uma sociedade em que os indivíduos procuram novos valores, colocando em tensão constante a ordem e lei existentes, o Nome do Pai.

Portanto, o desenho do corpo, também é uma metáfora _ que lemos no contexto espaço-temporal descrito por Deleuze, com suas mudanças tecnológicas, com suas variações de energia, trocas, afectos, mudanças de força. Poder e Potência.

Deste ponto de vista, buscamos a história das imagens do corpo e dos órgãos. Observamos os desenhos de Da Vinci, de Andreas Vesalius, e daqueles que, em seguida, passaram a representar os órgãos. Certamente, existem mais representações do que as que nos propomos analisar; porém, a própria escolha de algumas e não outras, depende de nosso ângulo de visão, de nosso desejo.

ANDREAS VESALIUS (1514-1564) foi um médico belga, que viveu no século XVI, quando frequentava cemitérios, para dissecar cadáveres de mortos por pragas ou condenados. O mesmo tipo de prática foi seguido por Michelangelo e Leonardo Da Vinci, uma vez que ainda não existia o estudo de Anatomia nas Faculdades de Medicina. O que se fazia era dissecar animais, como sapos. Por conseguinte, Andreas foi o primeiro a compor um *Atlas de Anatomia*, desenhando os órgãos humanos. Hoje, ele é considerado o Pai da Anatomia Moderna, tendo publicado *De Humanis Corpori Fabrica*.⁴ O que provavelmente serviu de referência para a noção de trabalho usada por Karl Marx, consequentemente, foi referência para Deleuze.

Abaixo está um dos desenhos de Andreas.



Temos o desenho do sistema urinário e reprodutor masculino. Entretanto, um século antes de Vesalius, Leonardo Da Vinci, desenhou o corpo humano.

LEONARDO DA VINCI (1452-1519) nasceu em Anchiano, 15 de abril de 1452 e morreu em Amboise, 2 de maio de 1519. Foi um polímata nascido na atual Itália, uma das figuras mais importantes do Alto Renascimento, que se destacou como cientista, matemático, engenheiro, inventor, anatomista, pintor, escultor, arquiteto, botânico, poeta e músico. É ainda conhecido como o precursor da aviação e da balística. Leonardo frequentemente foi descrito como o arquétipo do homem do Renascimento, alguém cuja curiosidade insaciável era igualada apenas pela sua capacidade de invenção. É considerado um dos maiores pintores de todos os tempos e possivelmente a pessoa dotada de talentos mais diversos a ter vivido.

⁴ https://pt.wikipedia.org/wiki/Andreas_Vesalius

Leonardo era, como é, até hoje, conhecido principalmente como pintor. Duas de suas obras, a *Mona Lisa* e *A Última Ceia*, estão entre as pinturas mais famosas, mais reproduzidas e mais parodiadas de todos os tempos.⁵

⁵ https://pt.wikipedia.org/wiki/Leonardo_da_Vinci

Embora, tenha desenhado o corpo humano, não os usou especificamente na Medicina, como foi o caso de Vesalius. Sua preocupação também científica, parece-nos mais curiosa do que médica, principalmente se compararmos seus desenhos com os de Andreas.



Aqui temos o desenho do sistema reprodutor e urinário masculinos sem a precisão de Vesalius.

Contudo, a preocupação em retratar o corpo humano é ainda mais antiga, desde os primórdios das civilizações greco-romana e egípcia. Podemos até dizer que mesmo as civilizações primitivas já tinham esta preocupação. Como é o caso do fígado etrusco de Piacenza.

O **Fígado de Piacenza** é um artefato etrusco encontrado em 26 de setembro de 1877, próximo a Gossolengo, na província de Piacenza, Itália. É um modelo de bronze em tamanho natural de um fígado de carneiro coberto com escritos etruscos. Os escritos sobre o fígado são nomes de deidades. É acreditado ser o modelo de bronze que serviu como ferramenta para sacerdotes quando praticavam auspício (na antiga Roma era um sinal dos deuses que os áugures tiravam do céu. Tomar os auspícios era necessário, sobretudo ao cruzar certos limites, para conhecer a vontade dos deuses. Não fazê-lo seria uma afronta para eles e, segundo a mentalidade dos romanos, teria causado terríveis desastres.). Foi datado do século 2º ou 3º a.C.⁶

⁶ https://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%ADgado_de_Plac%C3%Aancia



Neste caso, a representação de um órgão estava relacionada à mitologia e ao inconsciente coletivo, de acordo com Yung. Conseqüentemente, a representação dos órgãos também possuía uma relação mítica, além de artística e científica.

Porém, a representação do corpo com preocupação científica surge mesmo a partir da Idade Moderna, com os desenhos de Leonardo da Vinci e, mais especificamente, com Andreas Vesalius. Quando a preocupação mimética foi mais forte.

Queremos nos ater, entretanto, ao trabalho de artistas contemporâneos, como: Frida Kahlo, Hans Sieverding e Alex Cerveny, ao retratar o corpo humano e seus órgãos.

FRIDA KAHLO (1907- 1954) foi uma artista mexicana, que se destacou na pintura, nasceu em 6 de julho de 1907 na casa de seus pais, conhecida como *La Casa Azul* (A Casa Azul), em Coyoacán, na época uma pequena cidade nos arredores da Cidade do México e hoje um distrito. Filha de Carl Wilhem Kahlo ou Guillermo Kahlo, como ficou conhecido, e Matilde Gonzalez y Calderón, católica devota de origem indígena e espanhola.

Em 1913, com seis anos, Frida contraiu poliomielite, a primeira de uma série de doenças, acidentes, lesões e operações que sofreu ao longo da vida. A poliomielite deixou uma lesão no seu pé direito, pelo que ganhou o apelido de *Frida pata de palo* (ou seja, *Frida perna de pau*). Passou a usar calças, depois longas e exóticas saias, que se tornaram uma de suas marcas pessoais.

Embora tenha engravidado mais de uma vez, Frida nunca teve filhos, pois sofreu um acidente de trem que a perfurou comprometendo seu útero e deixando graves sequelas. Isso a impossibilitou de levar uma gestação até o final. Por isso, teve vários abortos.

Sofreu terríveis dores, tentando diversas vezes o suicídio com facas e martelos.⁷ Estes problemas de saúde aparecem em seus quadros. O mesmo com relação às decepções amorosas que teve em seu relacionamento com Diego Rivera. A pior foi o caso de Rivera com Cristina, irmã mais jovem de Frida. Seus abortos, assim como tudo pelo que passou: acidente, cirurgias e decepções encontram-se retratados, como:



Portanto, a arte serviu-lhe como redenção, ou como forma de trabalhar os afetos.

“O que se conserva, a coisa ou a obra de arte, é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos. Os perceptos não mais são percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem, podemos dizer, porque o homem, tal como ele é, fica fixado na pedra, posto de perceptos e de afectos. A obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si”.⁸

⁷ https://pt.wikipedia.org/wiki/Frida_Kahlo

⁸ DELEUZE, Giles & GUATTARI, Felix. **O que é a Filosofia?** São Paulo, Editora 34, 3ª ed., 2010 (1ª reimpressão, 2013), p.193-194.

Utilizando a citação de Deluze e Guattari, Frida trabalhou seus afetos deixando-os nos quadros (affectos), que sozinhos, provocam no observador pesar e dor. A percepção da dor pela qual Frida passou, transforma-se em perceptos, para o observador. A sensação de sofrimento está presente em seus quadros. Kahlo fez, autorretratos, identificando, seus ossos, seu coração, seus órgãos.

Note-se que Frida estudou Medicina antes de se dedicar à pintura. Daí, o realismo, ao desenhar partes do corpo, ou nos dizeres de André Breton, o

surrealismo de suas representações, relacionando imagens que, isoladas, poderiam ter percepto.

Em 13 de julho de 1954, Frida Kahlo, que havia contraído uma forte pneumonia, foi encontrada morta. Seu atestado de óbito registra embolia pulmonar como a causa da morte. Mas não se descarta a hipótese de que tenha morrido de overdose (acidental ou não), devido ao grande número de remédios que tomava. A última anotação em seu diário, que diz "Espero que minha partida seja feliz, e espero nunca mais regressar - Frida", permite a hipótese de suicídio.

Seu corpo foi cremado, e suas cinzas encontram-se depositadas em uma urna em sua antiga casa, hoje Museu Frida Kahlo.⁹

⁹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Frida_Kahlo

O conceito deleuziano de Corpus e Socius também se encontra na obra de Frida, uma vez que além das questões pessoais, pode-se identificar a preferência pelo trágico, característica da cultura popular mexicana.

HANS SIEVEDING (1937) nasceu em 1937 em Oldenburg, Alemanha. Desde 1997 tem participado em inúmeras exposições em toda a Europa e os Estados Unidos. Sieverding é membro da Associação Alemã Ocidental dos Artistas e da Secessão Darmstadt . Ele atualmente vive e trabalha em Odenwald.

"Sieverding não apresenta ao espectador qualquer mundo dimensional homogêneo, claramente estruturado. Em vez disso, ele justapõe sinais e realidades, e gira verdadeiras teias de conteúdos pictóricos por meio de sobre-pintura, camadas e sobreposições. Os planos de imagem, literalmente, multi-nivelados são invariavelmente abundantes e muitas vezes revelam paisagens descontroladamente galopantes, transbordando cenas para combinar vários níveis de realidade e métodos artísticos do retrato. Os números não são mais reduzidos a um único contorno, mas pictoricamente são circunscritos em uma pluralidade de variações ... o artista inclui continuamente quem vê a criação de suas camadas e assim, por meio de sua peça artística, encena uma mudança permanente de perspectivas."¹⁰

¹⁰ <http://www.odonwagnergallery.com/artist/hans-sieverding> Trecho do Dr. Peter Joch, diretor da Kunsthalle Darmstadt, tradução nossa.

Se Frida Kahlo era surrealista, Hans atualiza o surrealismo, não apenas pintando imagens diversas colocadas lado a lado, porém, ele as superpõe, desafiando o observador a relacioná-las, ou ainda, a viver este percepto proposto em seus quadros. Suas superposições ora são corpos, ora são plantas (corpos na leitura de Deleuze), enquanto ocupam um tempo-espaço no Corpus Socius. Há

momentos em que seus quadros possuem o percepto de peitos e bundas de mulheres:



Mas a percepção exige um longo e demorado processo de observação. Identificamos também seu exaustivo trabalho para sobrepor diversas imagens delineadas e inúmeras camadas de tinta acrílica. Seus quadros guardam traços, porém exploram intensamente as gradações de cores e pinceladas. Comparando com Frida Kahlo, não há evidência de elementos imagéticos. Reconhecer os traços é um desafio. Porém, ambos possuem em comum uma narratividade, composta por elementos que se sobrepõem, no caso de Hans, ou são colocados lado-a-lado, no caso de Frida.

Além do fato de Sieverding trazer mais harmonia e leveza em suas representações, ou palheta de cores; Kahlo, dá preferência a cores primárias, como: o vermelho, o amarelo e o azul, além do uso do branco e do preto. Sieverding dá camadas também em suas pinceladas, oferecendo uma textura, que nos quadros de Kahlo parecem lisas.

ALEX CERVENY (1963) é um artista plástico, desenhista, gravador, ilustrador e pintor brasileiro. Estudou desenho e pintura com Valdir Sarubbi e gravura em metal com Selma Daffré. Em 1983, fez sua primeira exposição individual na Elf Galeria de Arte, em Belém do Pará. Em 1987, realizou mostra individual na Galeria Unidade Dois, em São Paulo. Em 1988, começou a trabalhar com o galerista Paulo Figueiredo, parceria que resultou nas mostras individuais de 1988, 1990 e 1993.

Convidado a participar da 21ª Bienal de São Paulo, em 1991, ganhou o Prêmio Secretaria da Cultura, concedido pelo governo do estado de São Paulo. No mesmo ano, foi organizada sua primeira mostra internacional, na Liljevalchs

Kunsthall, em Estocolmo, Suécia, a exposição Viva Brasil Viva. Surgiu ali o contato com a galerista Ruta Correa, de Freiburg, Alemanha.

Ainda na década de 1990, através de Ruta Correa e Joel Edelstein, participou de feiras de arte contemporânea em Chicago, Frankfurt, Madri, Paris e Miami e várias exposições individuais como na Galerie 20x2 em Arnhem, na Holanda, Ledis Flam Gallery, em Nova York, além da exposição Ouvres sur papier, no espaço cultural da Embaixada Brasileira em Paris.¹¹

Continua produzindo muito. O apuro técnico é um denominador comum na obra de Alex Cerveny. Ele não se prende a uma única técnica ou material: desenhos, esculturas, pinturas, bordados, colagens, cerâmicas, fotografias e gravuras, estão presentes em sua obra.

Como tema, utiliza-se de referências históricas, “algumas delas biográficas, como as figuras retorcidas e elásticas – lembranças de sua vivência de artista circense; outras literárias, e outras, ainda, dos meios de comunicação em massa, criando uma intrigada alegoria” (Bienal Naïfs, 2010).

Valoriza o processo de trabalho e o diálogo entre suas obras. Como resumiu o artista, “Eu me sinto mais um escritor que escreve imagens, me sinto mais um cronista que um artista. A tradição que me agrada na arte é essa de contar histórias, como retábulos, como os muros assírios que contam histórias de batalhas...”¹²

¹¹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Alex_Cerveny

¹² <http://www.alexcerveny.com/bio/>

O trabalho de Cerveny remete-nos à relação do devir e da fabulação tratados por Deleuze:

“Devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal que já não seja possível distinguir-se de uma mulher, de um animal ou de uma molécula: não imprecisos nem gerais, mas imprevistos, não-preexistentes, tanto menos determinados numa forma quanto se singularizam numa população...o devir está sempre ‘entre’ ou ‘no meio’: mulher entre as mulheres, ou animal no meio dos outros”.¹³

¹³ DELEUZE, Giles. **Crítica e Clínica**. São Paulo, Editora 34, 2ªed.,2011(1ª reimpressão,2013),p.11.

A fabulação é o processo pelo qual passa o devir homem, o devir animal, o devir mulher, sempre em direção ao grupo, ao bando, à multiplicidade de que cada um faz parte. E este cada um é justamente a valorização do indivíduo. Cada indivíduo tem um agenciamento, uma ação, já inscrita na sua espécie, ou inconsciente coletivo de Yung, que se manifesta dentro de uma possibilidade.

Tal possibilidade não está voltada à evolução, mas à involução, ao que cada um guarda na sua memória genética, ancestral, mitológica.

Podemos observar esta busca nas características dos trabalhos de Cerveny, assim como nos de Frida Kahlo e, até mesmo, nos trabalhos de Hans Sieverding, quando sobrepõe imagens e representações, onde ele pode colocar uma história, que já aconteceu, ou que acontece no momento em que observamos seus quadros. Na realidade, os acontecimentos parecem simultâneos.



Nessa imagem, Alex ilustra o corpo relacionado a uma história, ou fabulação. Embora seus desenhos não carreguem a característica de algo simultâneo como Sieverding, porém remetem a algo ancestral, como na primeira imagem. Lembrando justamente as ilustrações primitivas egípcias, de colocar os deuses maiores do que os homens e ilustrar apenas o busto dos antepassados.

CONCLUSÃO

Frida Kahlo, Alex Cerveny e até mesmo Hans Sieverding possuem características surreais. Suas obras empregam algumas. Em certos casos, muitas, porém também retratam o que vai no Inconsciente do homem e não apenas nos fenômenos externos que ele possa observar. Todos tratam de verdades. Mas qual a verdade da Arte?

Do ponto de vista deleuziano, a Arte é o Devir, o que pode ser, o que existe em tempos paralelos, realidades simultâneas, o que está dentro do homem como possibilidade, como potência de poder. O que existe enquanto percepção e percepto.

O que vemos com a nitidez de uma obra figurativa e o que vemos sem nitidez alguma? Ambas as possibilidades existem.

Materialmente, notamos que os quadros de Hans Sieverding, possuem harmonia nas gradações de cor. Enquanto os quadros de Frida Kahlo trazem as cores puras. Podemos identificar estas características na própria cultura mexicana. Daí, identificar os quadros de Kahlo como produto de seu grupo social, da comunidade de que faz parte. O que também diz Deleuze, quando insiste que o

homem, assim como o animal, são indivíduos imersos num grupo. Agem e se identificam com características que existem no seu ambiente.

Assim, poderíamos identificar as cores suaves dos quadros de Sieverding, com as cores suaves da primavera na Alemanha, às vezes, com as cores do inverno. Diferente das cores fortes e alegres do sol no México, como nos quadros de Frida.

Alex Cerveny é mais desenhista do que pintor. Ele usa as cores, porém valoriza mais os traços. Frida também desenha, mas como pintora; a cor é importante. Já, Hans não se preocupa com as linhas, suas características mais marcantes são as pinceladas. Texturas de tinta são sobrepostas em seus quadros.

Escolhemos neste artigo o *pathos*, ou tema, do corpo e dos órgãos. Procuramos representações históricas deste *pathos* e o que poderíamos reconhecer como um trabalho artístico contemporâneo. Ou seja, procuramos a imagem antiga e as fórmulas primitivas do *pathos*, o que permanece como memória intemporal, *zeitlos*. Descendo às profundezas da natureza pulsional, onde o espírito humano desposa a matéria sedimentada de maneira não cronológica.

A figura trágica solicita uma imersão analítica nas profundezas da natureza pulsional. Do modelo freudiano temos a *Nachleben*, uma formação de sintoma, que é como uma sobrevivência que ganha corpo. Corpo agitado por conflitos, por movimentos contraditórios. Corpo agitado por turbilhões de tempo. Corpo do qual surge, subitamente, uma imagem recalcada. O sintoma funciona, segundo Freud, tal como funciona a imagem, segundo Warburg: como um conjunto, sempre novo e surpreendente, de 'restos vitais' da memória.¹⁴

14 DIDI-HUBERMAN, Georges. **A Imagem Sobrevivente: História da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. Rio de Janeiro, Editora Contraponto, 1ª ed., 2013, p.271-273.

REFERÊNCIAS:

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. **Mil Platôs vol 3 e 4**. São Paulo, Ed. 34, 2ª ed., 2012.

_____. **O Anti-Édipo**. São Paulo, Ed.34, 2ª ed., 2012.

_____. **O que é Filosofia?** São Paulo, Ed. 34, 3ª ed., 2010 (1ª reimpressão, 2013).

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo, Ed. 34, 2ª ed., 2011 (1ª reimpressão 2013).

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente: História da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. Rio de Janeiro, Ed. Contraponto, 1ª ed., 2013.

SOBRE A AUTORA: Mestre em Comunicação e Semiótica PUC/SP. Doutoranda em Artes Visuais Poéticas IA/Unicamp. Exposições coletivas: na Galeria Lisa França – 10 a 15/10/2015 com gravuras. Centro de Convenções/ Unicamp e GAIA (Galeria de Arte Instituto de Artes) Unicamp 15/11/2015 a 15/12/2015 livros de artista